3 Reconhecer a Alteridade dos Jovens

Cansado de ouvir e constatar que muitas pessoas não se interessam pela leitura, e que, nesse universo, o número de jovens em idade escolar é imenso, resolvi, inicialmente, investigar a existência de uma séria crise da leitura, que tinha na escola um dos seus focos mais ativos. No entanto, ao lançar o olhar sobre a escola, pude perceber que a questão do desinteresse pela leitura não era uma ação incorporada automaticamente pela juventude. Pelo contrário, este comportamento revelava-se mais como uma reação ao constante apagamento e rejeição que o campo da Educação, habitualmente, vem impondo à cultura jovem. A pesquisa desenvolvida por Candau (2000) e as reflexões efetuadas por Green e Bigum (1995), no texto “Alienígenas na Sala de Aula”, já citados no primeiro capítulo da dissertação, foram fundamentais para o entendimento de que tão importante quanto investigar a crise da leitura era tentar compreender o universo jovem na sua alteridade. Daí a ligeira mas significativa mudança no eixo da investigação, que passou a focar seus esforços no sentido de buscar as representações da juventude na Literatura, através das crônicas do jornalista e escritor Zuenir Ventura, e, na Indústria Cultural no segmento da mídia impressa, representada pela revista **MTV**.

Após refletir sobre as tensões existentes entre arte e Indústria Cultural, ao longo do segundo capítulo, foi possível perceber, entre outras coisas, que a recepção dos elementos de ambos os campos não se dá de maneira passiva. Fundamentalmente se desenvolve de forma dinâmica e plural. Traçando um paralelo e interligando as questões discutidas no citado capítulo com o novo foco da investigação, pôde-se verificar a existência de fortes indícios da habilidade dos jovens em conviver com diversos sistemas culturais simultaneamente, o que possibilita o favorecimento de uma melhor compreensão do seu universo.

Antes de passar para as interpretações dos dados apurados nos veículos eleitos como fonte para a investigação ora em andamento, seria bastante proveitoso refletir sobre o sentido de juventude, que, sobretudo no presente, adquire um caráter bastante transitório.

Quando somos confrontados, hoje, por um dos mais consagrados lemas que contagiou a geração de jovens contestadores de 1968, “não confie em ninguém com mais de trinta anos” – tantas vezes registrado nas mais diversas narrativas e depoimentos – (GABEIRA, 1988), (SIRKIS, 1988) e (VENTURA, 1988) – que procuraram remontar, elucidar e perenizar as experiências vividas naquele que, seguramente, foi o mais lúgubre período da história recente da política brasileira, o da ditadura militar imposta após o golpe de 1964 –, parece que alguma coisa ficou fora do lugar. Quarenta anos depois, 2004, supor que uma pessoa na faixa etária de trinta anos não pode ser considerada jovem ou que ela, de alguma maneira, poderia representar uma ameaça para um possível ideário juvenil soa como uma piada um tanto sem graça ou como um ato aberto de indelicadeza, podendo o emissor de tal sentença ser considerado preconceituoso, passível de alguma ação legal por parte de alguém ou algum grupo que represente os jovens ou os idosos mais suscetíveis a um possível constrangimento diante de uma suposta atitude discriminatória.

Tal observação, além de ilustrar a transitoriedade do significado de juventude, promove a compreensão exata do sentido de construção sociocultural e histórica que perpassa a noção de juventude, assim como tantas outras noções e conceitos presentes nas sociedades. Desta maneira, buscando ser simples, sem ser simplistas, podemos inferir que juventude também é um rótulo condicionado culturalmente, e, em função disso, passível de mudanças através dos tempos. Considerações significativas a esse respeito dão conta, (SARLO, 2000), por exemplo, de que uma mulher de dezessete anos, com dois filhos no início do século XX, não era considerada tão jovem, assim como seu marido, dez anos mais velho, era visto como um homem maduro. Os pobres de então – quase da mesma forma como os de agora – saltavam da infância para idade adulta através do trabalho, e o sentido de juventude lhes era atribuído apenas quando estes enveredavam pelo caminho da delinquência denominada juvenil. Os comandantes da Revolução Cubana, assim como os milhares que tomaram as ruas de Paris em maio de 1968, em função de seu caráter contestador e reivindicativo – fruto do espírito daquela fantástica época – se reconheciam como jovens. Já os líderes da Revolução Russa de 1917 não. Embora tivessem a mesma faixa etária dos outros revolucionários, compreendiam que o seu tempo requeria mais deveres a cumprir do que direitos a reivindicar.

Contemporaneamente, um dos conflitos que tem marcado de modo significativo a noção de juventude está ligado à delimitação do marco referencial que estabelece o início e o fim da fase jovem da existência de uma pessoa. Enquanto no início do século XX, por exemplo, a constituição matrimonial marcava o fim da juventude, ao longo de sua primeira metade era – para alguns grupos – a adoção de uma posição grave frente aos deveres a cumprir que estabelecia a passagem para a idade adulta, e, aos pobres, era subtraída a possibilidade de usufruir desta fase, salvo como delinqüentes. Hoje as fronteiras entre infância, juventude e idade adulta estão cada vez mais tênues, em função da quase extinção da infância, cada vez mais substituída por uma adolescência prematura e uma juventude contínua que parece desconsiderar a relevância da maturidade e da velhice. A indústria da beleza – sem nenhuma conotação conservadora –, representada na diversidade de cosméticos, cirurgias plásticas, academias de ginástica e musculação repletas de corpos belos e bem torneados – mas, muitas vezes vazios de valores existenciais – auxiliam amplamente, assim como a moda e o mercado de bens de consumo e simbólico, na difusão do ideário da juventude contínua, a gozar um eterno presente, geradora de um descompasso legítimo entre o tempo cronológico, o tempo histórico e o tempo psicológico.

Como conseqüência inevitável de tantos desencontros, surgem os conflitos geracionais, agora não mais motivados nem mantidos pelas tensões geradas pelo desejo de liberdade e pela contestação, que tinham na sua origem um desejo iconoclasta de varrer o autoritarismo nos seus mais diversos matizes, representados nas posições defendidas pelos detentores dos poderes estabelecidos. O conflito geracional do presente instala-se na disputa pela posse do território da juventude – local em que se deseja viver indefinidamente – lançando muitos pais, por exemplo, numa disputa esdrúxula pelos espaços, comportamentos, gestuais e signos inicialmente pertencentes aos seus filhos e assemelhados. Parece evidente que a disputa em questão, até o momento, não está generalizada, da mesma forma que o fato de reconhecer sua existência não significa que se está fazendo um elogio do separatismo geracional. Antes, o que se pretende é compreender o jovem nas suas multiformas de viver na contemporaneidade, agudamente percebidas e definidas com muita propriedade da seguinte forma: “A juventude não é uma idade e sim uma estética da vida cotidiana” (SARLO, 2000, p.36)

Após situar o debate, envolvendo a questão do estabelecimento do sentido de juventude ao longo do tempo e no momento presente, convido ao leitor a avançar para a etapa final da pesquisa, que é dedicada fundamentalmente ao trabalho de análise das categorias levantadas durante a investigação, que vão viabilizar o estabelecimento de um mosaico provisório, todavia, significativo da juventude contemporânea através das imagens emergentes da Literatura e da Indústria Cultural, como será possível constatar a seguir.

3.1

Juventude, Drogas, Diversão, Sexualidade e Mídia

Ao focar o uso de drogas, a diversão, a sexualidade e a mídia como elementos presentes no universo jovem, a investigação – mesmo reconhecendo a complexidade dos temas – está sendo conduzida e construída sob a égide da diversidade, oferecida pelos veículos de análise, que seguramente contribuem de modo expressivo para se avançar sobre as formulações das imagens dos jovens no presente.

Não podemos deixar de considerar que as formas de apropriação dos temas emergentes dos veículos mediadores da investigação ocorrem de modo diferente. Porém, mesmo com abordagens diferenciadas, os mediadores da pesquisa contribuem para o desvelamento de temas que se constituem, por assim dizer, como algumas das marcas inequívocas das culturas juvenis contemporâneas.

É importante ressaltar que a subdivisão do presente capítulo em quatro grupos temáticos se deu em função da variedade de assuntos presentes na Literatura e na Indústria Cultural que, ao serem explorados, revelavam a pluralidade de faces ou imagens dos jovens, o que corrobora para o entendimento de que a chave de entrada para se buscar compreender melhor a juventude na atualidade reside na idéia de multiplicidade e simultaneidade.

Antes de seguirmos para as análises dos temas destacados no presente tópico do capítulo, gostaria de ressaltar que, ao contrário deste, o segundo tópico abordará apenas um eixo temático – a saber, a violência –, em função da grande

quantidade de material disponível sobre o assunto, tanto nas crônicas do jornalista e escritor Zuenir Ventura, como na revista **MTV**, que solicitava do pesquisador a criação de um item inteiro de análise dedicado apenas a um único tema.

3.1.1 Jovens e Drogas

Intrinsecamente ligada ao fenômeno da violência no presente, muitas das vezes apontada como principal motivadora do problema, as drogas continuam sendo, ao mesmo tempo, um tabu, para parte expressiva da sociedade, e um desafio, para todos quantos tentam encarar a questão sem maniqueísmos ou polarizações.

Quando retroagimos a um passado relativamente recente, localizado entre fim da década de 50 e o decorrer dos anos 60 do século XX, conseguimos perceber que o uso de drogas, naquele momento, tinha um caráter eminentemente de uma prática que poderíamos chamar de cultural, longe, portanto, de ser encarado como um elemento motivador de violência social. Após se associar à cultura do rock, a droga, “que tinha sido um hábito privado dos burgueses curiosos, poetas decadentes, dândis e exploradores da subjetividade” (SARLO, 2000, p.34), deixou de ser uma aventura de grupos seletos para passar a pertencer ao universo jovem que via na sua utilização um mecanismo de contestação, rebeldia e afirmação.

Pouco mais de quatro décadas se passaram desde a assimilação da visão romântica do uso de drogas. No entanto, esse tempo foi suficiente para mostrar que, se por um lado as drogas se transformaram num fenômeno cultural planetário praticamente fora de controle e amplamente associado à violência e à criminalidade, por outro, essa constatação está sinalizando que, assim como não é mais possível encarar a questão romanticamente, não se deveria, por outro lado, tratar o problema apenas com ações persecutórias. Seria necessário, nesse sentido, – até como uma forma de diagnosticar melhor o problema para se buscar soluções plausíveis – compreender as razões e as motivações que levam parcelas

expressivas de jovens a cada vez mais engrossarem as estatísticas dos usuários e adictos no país e no mundo.

Em um importante artigo que discute a questão das compreensões que jovens e crianças têm das diferenças sociais, Castro (2000), através da metodologia da intervenção social aplicada sobre o grupo focalizado no estudo em questão, considera que “as drogas funcionavam como mecanismo compensatório diante da impotência frente a situações difíceis [...] como um caminho fácil de obtenção de prazer e relaxamento frente à solidão[...]” (CASTRO, 2000, p.22). Embora originadas a partir de um estudo com jovens que tinham passado pela experiência do abandono nas ruas de Fortaleza, as observações constatadas por Castro podem ser aplicadas a jovens oriundos de camadas abastadas, mas que, também, na sua realidade, vivenciam a impotência e a solidão geradas, por exemplo, pela nova configuração familiar em que o espaço do afeto tem diminuído substancialmente.

É emblemático como a produção do jornalista e escritor Zuenir Ventura se ocupa do tema das drogas. Em crônica publicada na revista *Época* de 9/11/1999, sob o título, “Drogas, ou a Grande Angústia do Século”, o escritor, por ocasião da proximidade do fim do século XX, aborda os vários medos que acompanham a humanidade há milênios, acrescentando o temor das drogas como uma questão do século que acabava e do que estava chegando. Mesmo reconhecendo a importância das diversas ações governamentais que tentam combater o problema, o cronista aponta para a família como setor estratégico na tentativa de vencer esta luta.

O caso do jovem estudante de medicina esquizofrênico que, – apesar de não lhe faltar o necessário do ponto de vista material, foi deixado em companhia apenas das suas vozes interiores, através da ausência física e afetiva familiar – após uma mistura explosiva de uso de drogas e porte irregular de arma, efetuou vários disparos numa sessão de cinema em São Paulo, matando três pessoas e ferindo algumas outras, é sintomático. O escritor, a partir desse caso, sem adotar uma postura moralista, apresenta a imagem de uma juventude solitária e desorientada diante das adversidades da vida, que tem buscado nas drogas não um paraíso, mas uma forma de fugir do inferno de suas existências. Para o cronista, “o mais grave é que muitas vezes ele [o inferno] é o sintoma manifesto de uma doença maior, a própria família” (VENTURA, 1999, p.98).

Nas crônicas “Fazer com as Drogas o Que se Faz com a AIDS” e “O Confuso Planeta Maconha”, publicadas respectivamente na revista *Época*, em 26/06/2001, e no jornal *O Globo*, em 25/07/2001, o escritor volta ao tema, agora analisando-o sob a ótica das campanhas de combate e prevenção ao uso de drogas.

No primeiro texto, o autor destaca que, junto com a AIDS, as drogas surgem como o maior desafio do século, por serem ambas incuráveis, até o momento. No entanto, o vírus HIV tem sido combatido com bastante sucesso, o que gera a esperança de, no futuro, chegar-se à cura da doença, já para “o “vírus” das drogas não há nem coquetel nem vacina à vista ou em horizonte distante. Fala-se no fim da AIDS, ainda que remoto, mas não se fala da abolição definitiva das drogas, nem em sonho” (VENTURA, 2001, p.98).

Criticando as ações do poder público no combate e prevenção ao uso de drogas, o cronista traça um paralelo destacando que, se por um lado, os resultados das campanhas para prevenir a AIDS e cuidar dos doentes têm sido modelares no Brasil, o mesmo não se pode dizer com relação ao combate às drogas, parece que “a verdade é que nem o governo, nem a sociedade sabem o que querem. Aliás, os únicos que sabem são os traficantes” (VENTURA, 2001, p.98). No meio da indecisão de governo e sociedade, estão os jovens, que quase nunca são ouvidos sobre o tema, mas recorrentemente são admoestados pelas mensagens repressoras das campanhas oficiais, que não conseguem tocar, de fato, seu público alvo, levando o escritor a afirmar o seguinte:

“[...] acredita-se que ameaçando os jovens com mensagens do tipo “as drogas matam”, eles vão fugir delas, quando nessa idade o risco de vida costuma exercer maior atração do que o medo, sem falar que os usuários “recreativos” nem sempre se tornam dependentes.”¹

É importante notar que, dentro de uma questão tão controversa como a das drogas, aqueles que deveriam ser os primeiros a serem ouvidos sobre o problema são silenciados – mesmo quando se sabe que uma prática perigosa como essa está evidentemente vinculada a um número cada vez maior de jovens – podendo emergir daí a imagem de uma juventude calada pelo discurso oficial e atraída pelo perigo, sem medir as conseqüências.

¹ VENTURA Z. “Fazer Com as Drogas o Que se Faz Com a AIDS” In. *Época*. São Paulo, 26 jun. 2001, p.98.

No segundo texto, o cronista enfatiza a enorme “confusão entre uso e dependência, entre curtição e submissão, entre recreação e vício” (VENTURA, 2001, p.8), para destacar que a dependência das drogas já foi qualificada pela Organização Mundial da Saúde como doença, o que torna inócuas as campanhas de prevenção e combate ao problema, que, em geral, lançam sobre o vício – que é um sintoma – sua ênfase.

Ao insistir em combater a questão, quase que exclusivamente, através do discurso do medo, o máximo que estas campanhas têm conseguido é expressar uma visão moralista e parcial sobre o tema. Como exemplo do preconceito que encerra o tema e dos equívocos das políticas públicas, o cronista cita a quase suspensão de um show do grupo musical “Planet Hemp”, no Rio de Janeiro, em nome da coibição da apologia ao uso de drogas. O autor denuncia o moralismo através da seguinte ponderação: “A lei, ou seja, a sociedade obriga que o juiz aja. Aí ele vai e tenta impedir que milhares de jovens assistam a um espetáculo que os submeteria a uma apologia das drogas, como se eles fossem lá para aprender a fumar e não porque já fumam” (VENTURA, 2001, p.8).

Acirrando suas críticas às políticas públicas, o escritor contribui para aprofundar o olhar sobre o jovem e o uso de drogas, possibilitando que se encare este grupo social sem mistificá-lo ou inferiorizá-lo, antes reconhecendo suas múltiplas faces, que nem sempre são belas, mas que continuam autênticas, como se observa na passagem abaixo:

“[...] a repressão não impediu que a maconha tivesse se tornado um dos hábitos de consumo mais difundidos entre a juventude. Sem hipocrisia, é preciso admitir que se trata de uma transgressão que virou norma: nas praias, nos shows, nos festivais, só para citar os lugares públicos.”²

Enquanto Zuenir Ventura traz para o leitor toda a complexidade da relação do jovem com a droga, através de uma postura dialética e crítica frente ao tema, a Indústria Cultural, através da revista **MTV**, assim como em outros assuntos polêmicos, adota uma postura pretensamente didática, mas que acaba se revelando paternalista e superficial. A abordagem paternalista ocorre, por exemplo, quando a revista – da mesma maneira que as campanhas desenvolvidas pelo governo – tende a encarar o seu público alvo como sujeitos passivos, ignorando suas

² VENTURA, Z. “O Confuso Planeta Maconha” In. **O Globo**. Rio de Janeiro, 25 jul. 2001, p. 8

formulações sobre o tema e focando a questão apenas no medo e na discriminação. Já o enfoque superficial se dá em função da própria linguagem da publicação que privilegia exemplos pontuais, de preferência, de pessoas envolvidas com a mídia, para dali extrair regras de comportamento a serem seguidas pelos seus leitores.

Na edição de número doze, de março de 2002, a revista **MTV** publicou uma grande matéria feita pela jornalista Gabriela Varallo, em que, aparentemente, se procuravam discutir os efeitos das drogas e a fronteira entre o consumo freqüente e a overdose. Ilustrada com pequenos depoimentos de jovens que tiveram experiências negativas com o uso de drogas, mas que chegaram a um final feliz, a reportagem de cinco páginas foi construída, mais uma vez, como uma espécie de cartilha para se evitar a overdose, ficando evidenciada esta afirmação ao longo de todo o texto e, tendo como exemplo contundente, os subtítulos da matéria que se apresentam assim dispostos: “Overdose tem dose? Entenda de uma vez essa história”, “O que Acontece?”, “Mais, Mais, Mais,”, “Misturar, não!” e “Já para o Pronto Socorro”. Em cada um destes, tópicos a jornalista procura aconselhar e apontar o que fazer em caso de problemas. O texto é encerrado com a apresentação de uma primorosa tabela, muito bem ilustrada com um excelente apelo visual, que aponta os efeitos e riscos de cada droga, que obviamente tem a função de afastar os jovens do problema através do esclarecimento pelo medo. Porém, por outro lado, esta tabela pode servir mais para aguçar a curiosidade, do que para afastar o público jovem das drogas, se levarmos em consideração o conhecido fascínio que o proibido exerce sobre as pessoas.

Na edição de número sete, de setembro de 2001, o tema das drogas já havia sido abordado pela revista, que, naquele momento, enfocava o problema, sob a lente do alcoolismo. A reportagem feita pelo jornalista Thompson Loiola foi basicamente construída a partir de depoimentos – na sua maioria de personalidades ou de pessoas próximas delas – e o tom do discurso variou entre o pretensamente didático, o caricatural espetacular e o confessional.

O tom aparentemente didático é revelado na postura professoral adotada ao se falar da conceituação e motivações para a utilização do álcool: “[...] o álcool é uma droga psicotrópica, uma substância que o corpo não produz, e que provoca alterações nas funções orgânicas, sobretudo no cérebro. [...] A pessoa começa a beber pra se sentir mais segura, se inserir nos grupos sociais, geralmente aos 14

ou 15 anos” (LOIOLA, Revista **MTV**, 2001, p. 105). O olhar espetacular e caricatural, muitas das vezes confundido com o bom humor e o fato engraçado, é representado pelas falas das várias personalidades que deram seus depoimentos sobre seus “pilequinhos”, aqui resumidos na narrativa do cantor Dudu Nobre:

“Uma vez bebi e queria arrancar a cabeça de um amigo, pensei que o cara tivesse me roubado uma garrafa de uísque. Tenho umas espadas de samurai em casa, peguei uma e gritei: “vou arrancar sua cabeça, crioulo!” Mas quase nunca bebo. Normalmente, tenho que aturar as pragas que bebem.”³

O ar de graça e o aspecto picaresco do depoimento, ao mesmo tempo que podem gerar um alívio na abordagem de um tema tão delicado, podem promover seu esvaziamento pela banalização.

O enfoque confessional, em um primeiro momento, tem a função de mostrar que tanto anônimos como personalidades da cultura brasileira podem ser vitimizados pelo descontrole de suas práticas. Entretanto, a fala da viúva do cantor e compositor, ícone de uma geração, Raul Seixas, além de revelar o desalento frente à questão, vai corroborar para a confirmação de que ao mesmo tempo em que se constituem em vício, as drogas também são uma prática cultural, como se observa a seguir:

“Vejo o alcoolismo do Raul como um reflexo do excesso de sensibilidade. Ele me contava que, na Bahia, andava de casaco de couro e tinha de beber pra dizer que era do rock[...].Tinha uma parte cultural, apesar de ter sido uma parte cultural horrível[...]. A razão de minha separação do Raul foi a bebida. Eu não tinha como conviver com aquela instabilidade emocional que o álcool traz.”⁴

Na análise feita até aqui, é a primeira vez que ocorre um ponto de confluência das abordagens da Literatura e da Indústria Cultural. Este ponto de encontro pode ser expresso através do fragmento apresentado e dos exemplos das crônicas, que são a caracterização inequívoca de que as drogas se constituem como práticas culturais, sendo, no entanto, muitas vezes, encaradas apenas como desvio de conduta ou problema criminal.

³ LOIOLA, T. “Quando o Alcool Perde a Graça” In. **MTV**. São Paulo, setembro 2001, p. 107.

⁴ Idem. p. 103.

A crônica “Saudade do Futuro”, publicada no jornal O Globo, em 21/06/2001, vai revelar como a educação, mesmo com todas suas limitações, tem sido um investimento importante para o jovem, não apenas na sua formação, mas também para desmistificação dos estereótipos construídos em torno de sua imagem. O escritor, partindo de um encontro que teve com estudantes de comunidades carentes do Rio para discutir leitura e cidadania, na Casa de Leitura, em Laranjeiras, constrói uma crônica, que, se não cria uma cidade nova e melhor, auxilia a cerzir a cidade partida socialmente.

Dialogando com estudantes de escolas públicas de diversas comunidades carentes do Rio, em um espaço considerado “nobre”, como a Casa da Leitura, em Laranjeiras, o cronista, através de seu texto, chama a atenção para o fato de que nobreza, na realidade, é reconhecer suas limitações e preconceitos a fim de que se desmistifiquem os estereótipos de todas as naturezas. A educação que, embora seletivamente, atinge a juventude, parece desempenhar um papel fundamental no questionamento dos estereótipos, como se evidencia na fala do escritor: “Vendo aquela galera com cara de funqueiro e cabeça e papo de leitor de livros, inteligentes, pensei que uma das maiores injustiças que nossa visão estereotipada e o nosso preconceito cometem é achar que todo jovem negro e pobre é um traficante em potencial” (VENTURA, 2001, p. 08).

Da mesma maneira que aquela parcela de jovens não corresponde a toda juventude pobre da cidade, os traficantes também não representam nem 1% da população das comunidades carentes. Este fato nos leva a refletir, por exemplo, que reconhecer a alteridade dos jovens não é favor ou benemérito, mas apenas uma atitude que precisa ser incorporada às ações de todos os sujeitos que contracenam com este grupo social.

O escritor, ao abrir a crônica, faz menção ao chamado à mobilização da sociedade no combate às drogas, feito pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Do encontro que tivera com os estudantes, levou para casa algumas redações produzidas por eles, cujo tema era “Atração e Medo”. As redações faziam parte do trabalho desenvolvido pelo grupo de professores que organizou o evento, e elas evidenciavam como vários alunos, em momentos distintos, foram assediados ou flertaram com o mundo das drogas – fosse para tentar ganhar dinheiro, suprir carências afetivas e emocionais ou por curiosidade – e como cada jovem desenvolveu estratégias pessoais e coletivas de resistência. Antes de ir

embora, o professor de uma das turmas o abordara, e, ao mesmo tempo, desafiando e sugerindo, propôs que se desse voz e escuta aos jovens, levando o cronista a afirmar o seguinte: “Quase lhe pedi que se dirigisse ao presidente. Uma campanha antidrogas teria muito o que aprender com esses resistentes que moram ao lado do perigo, entre o terror e o êxtase” (VENTURA, 2001, p.08).

3.1.2 Jovens e Diversão

A Literatura e a Indústria Cultural ora se aproximam, ora se afastam no que tange à abordagem da diversão entre os jovens. Isto se evidencia quando analisamos, por exemplo, a crônica “Paz Sem Voz Não é Paz, é Medo”, publicada no jornal O Globo, em 14/11/2000, em que Zuenir Ventura aborda a questão da necessidade da construção de uma “ponte” cultural entre as cidades que coabitam a cidade partida.

Advertindo para as graves conseqüências da não efetivação do encontro cultural, o cronista recorda o ato brutal de violência sofrida por um dos maiores entusiastas da aproximação das cidades, Marcelo Yuka, membro, à época, da banda O Rappa, que hoje está em uma cadeira de rodas, em função dos tiros levados quando tentava evitar um assalto. Ressaltando a necessidade do estreitamento do diálogo cultural entre os dois lados da cidade, Zuenir Ventura elogia as revistas *Época* e *Domingo* (do *Jornal do Brasil*) que, no mesmo fim de semana em que o artista estava entre a vida e a morte em um hospital, trouxeram reportagens que abordavam a participação e freqüência de jovens de classe média, de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, em movimentos culturais advindos das favelas e periferias.

A revista *Domingo*, por exemplo, acompanhou a incursão de jovens de classe média aos bailes funk da Ladeira dos Tabajaras, em Copacabana, da Favela Rio das Pedras, em Jacarepaguá ou em salões de sinuca e bares da Lapa, alternativas diferentes de diversão, que podem revelar apenas uma atração pelo inusitado ou uma maneira, ainda que inconsciente, de ligação entre dois universos separados socialmente, porém aproximados culturalmente, como sinaliza o texto:

“O mais curioso é que essa garotada de 15 a 20 anos enfrenta a resistência dos pais, o preconceito, a discriminação e o estigma social nem sempre atraídos pelo perigo e pelo pecado, conforme o estereótipo, mas por encontrarem ali o diferente, que lhes parece melhor. Esses programas, informa a repórter, “são vistos pelos jovens como mais saudáveis que as casas noturnas da Zona Sul, para eles reduto de gangues de violentos lutadores de jiu-jítsu”.⁵

As falas dos jovens de classe média, freqüentadores dos espaços tidos como “alternativos,” podem até ser parciais e idealizadas, mas expressam uma profunda insatisfação com o sentido que a diversão vem adquirindo entre uma parcela de seus pares de geração. Este fato contribui para que se identifique o olhar crítico dos jovens sobre as formas de apropriação do divertimento e suas conseqüências.

Na crônica publicada na revista *Época*, em 23/01/2001, sob o título “O Som que Canalizou a Rebeldia dos Jovens,” o escritor, ao tratar de um dos maiores eventos do *show bizz* brasileiro, o Rock in Rio – exemplo do bem sucedido encontro entre mercado fonográfico e empresários do setor de eventos – efetua uma reflexão importante sobre como um evento basicamente comercial, feito para a fruição e o consumo imediatos pode nos fornecer exemplos de convivência pacífica entre várias “tribos”, favorecendo uma olhar positivo sobre o consumo da diversão entre os jovens.

Ao se tratar do tema do consumo da diversão, não se pode perder de vista que “ao lado do cinema e da televisão, a música talvez seja uma das formas de expressão da cultura de massa com maior poder de disseminação entre os jovens” (PIRES, 2000, p. 84). Por isso, o exemplo do Rock in Rio é uma contundente expressão de que o consumo entre as camadas jovens pode possibilitar o arrefecimento das posturas maniqueístas, tanto no campo social, como no cultural, como pode ser observado no seguinte trecho da crônica: “... o megaevento que mobilizou milhares de jovens por sete dias deixa um saldo positivo e algumas lições [...], como, por exemplo, a de que um dos bons antídotos contra a violência é pegar a energia juvenil e fazer com ela uma catarse através do som” (VENTURA, 2001, p.98).

⁵ VENTURA, Z. “Paz Sem Voz Não é Paz, é Medo” In. **O Globo**. Rio de Janeiro, 14/11/2000, p.08.

A Indústria Cultural se coloca em um ponto equidistante da abordagem realizada pela Literatura na medida em que, através da revista **MTV**, centraliza sua atenção para a diversão basicamente como mecanismo de fruição, sinônimo de consumo. A matéria publicada na edição número sete, de setembro de 2001, sob o título “Diversão é Tudo,” está mais para uma pesquisa de perfil de consumo do que para uma reportagem de fato. Sem maiores explicações de como foram colhidos os dados apresentados, a reportagem anuncia a participação de quase três mil jovens respondendo a perguntas sobre diversão.

As perguntas apresentadas, de uma maneira geral, eram subjetivas, tocando indiretamente no tema. Vejam os exemplos: “Qual sua idéia de felicidade?”, “Qual sua idéia de tédio absoluto?”, “Quem te faz morrer de rir?” e “Quem te faz chorar?”. O questionamento mais direto consistia em saber qual seria a balada ideal? Quase todos as respostas associaram divertimento a desejos exclusivamente pessoais, como pode ser observado nos seguintes depoimentos: “[...]andar pelas ruas de Paris. Sempre tem umas festinhas nuns lugares charmosos...” (Érica Martins, 26anos), “Fecharia a Disney pra fazer minha festa de aniversário” (Caio Gobb, 26 anos), “Um fim de semana de esportes radicais na Austrália” (Paulo Vínicius, 24 anos), “Comprar a Playboy Mansion, chamar os Rolling Stones e dar uma festa com todas as playmates. Eu transformaria o lugar em meu puteiro pessoal” (Beto Lee, 24 anos).

Ao refletir sobre os depoimentos apresentados – procurando não ceder às armadilhas do maniqueísmo – pode-se inferir que as respostas estão subordinadas ao encaminhamento da suposta pesquisa, que até pode revelar um perfil consumista do jovem, mas não consegue dar conta – até porque esta não é a preocupação da publicação – da pluralidade de comportamento que envolve a juventude.

Por outro lado, a mesma revista **MTV** – mais raramente, é claro – através de artigos como “Quando a Vida Vira Filme e Você Não Entende Nada” de Mauro Dahmer, publicado na edição número trinta e dois, de dezembro de 2003, fornece um bom exemplo de um tipo de produção para o consumo que pode fazer pensar.

O jovem articulista após assistir aos filmes “Elephant”, de Gus Van Sant – inspirado na tragédia provocada por jovens de uma escola em Columbine, nos Estados Unidos – e “Kil Bil” de Quentin Tarantino, cujo enredo parece ter saído

de uma revista em quadrinhos ou de uma velha fita de kung fu – constrói um texto em que o maior mérito não é o de atribuir a violência de Columbine ao modelo cultural belicoso da sociedade americana, como se evidencia na seguinte passagem:

“A escola é boa, o bairro é amável, a juventude é dourada, mas a mente e a cultura estão doentes e tudo parece inexplicavelmente óbvio, principalmente quando assistimos ao exército americano cruzando o planeta para impor seus valores e modos de vida a tiros de fuzis e bombas.”⁶

Para a investigação, o destaque que o articulista dá ao entrecruzamento de filmes que constroem suas narrativas tanto a partir de fatos da vida, como a partir dos quadrinhos ou de outros antigos filmes de artes marciais será o ponto alto de seu texto, por revelar que a apropriação da cultura de massa não se dá de maneira passiva, podendo o sujeito envolvido por estas redes culturais interagir, formando sua consciência apesar do consumo.

A Literatura, mais frequentemente, parece favorecer o estabelecimento de um olhar crítico sobre as práticas da diversão entre os jovens. Mesmo quando se ocupa de temas que muitos não consideram diversão, como a leitura – que pode gerar questionamentos e mudanças – ou a participação em encontros culturais que motivam a reflexão, a Literatura acaba desvelando uma imagem bastante particular e sensível da juventude, como pode ser verificado a seguir.

A atitude consciente do jovem, que emerge da crônica “Paz Sem Voz Não é Paz, é Medo”, torna a aparecer no desencanto que ele revela com o país e com diversas de suas instituições. Nas crônicas “Sebastian, Sebastião” e “A Melhor Lição Vem da Derrota” – respectivamente publicadas em 25/10/2000, no jornal O Globo e 14/11/1998, no Jornal do Brasil – o escritor, ao esmiuçar o desencanto pessoal e coletivo de parte dos jovens, acaba revelando o exercício de uma visão crítica que estes fazem de si e da sociedade, e que se expressa através da indignação geradora da mobilização das idéias e ações.

Na primeira crônica, compartilhando com seus leitores que aquele era um trabalho construído a partir de várias inspirações, o autor explica que o texto ali apresentado era fruto das seguintes interlocuções: um e-mail enviado por um

⁶ DAHMER, M. “Quando a Vida Vira Filme e Você Não Entende Mais Nada” In.MTV. São Paulo, Dezembro 2003, p. 74

jovem, a leitura de duas resenhas publicadas no caderno Prosa e Verso, do jornal O Globo, e a audição do disco “Gil & Milton” que apresentava no seu repertório uma “bela e pungente canção sobre o Rio” (VENTURA, 2000, p.08).

No entanto, para a presente pesquisa, o e-mail do jovem leitor será de grande relevância, pois ali se constata a presença de uma desilusão com a condição atual da cidade do Rio de Janeiro, que nas suas palavras “vive um lento e angustiado sufocar-se em meio a viadutos. [...] O Rio se configura em um imenso, um enorme, um gigantesco equívoco à beira mar” (VENTURA, 2000, p.08). O jovem, segundo o escritor, reconhece no projeto de modernização da cidade, implementado pelo poder público, no início do século XX, a raiz da cisão social atual. A referida cisão se deu através da rejeição da presença dos elementos da cultura popular, considerada desestabilizadora da imagem de civilização e modernidade pretendida à época.

Na mesma intensidade que salta aos olhos a tristeza impressa na análise do rapaz, também se destaca sua visão crítica da realidade, que não se restringe apenas a pensar a cidade, mas ousa refletir sobre sua própria condição existencial igualmente em crise, como a cidade amada, conforme se observa na seguinte passagem do texto: “Ele admite que sua crise possa ser da juventude, “uma desesperada tentativa de encontrar as origens desses vinte anos de vida, e acreditar que não foram vividos em uma terra sem passado e sem memória” “ (VENTURA, 2000, p.08).

A segunda crônica gira em torno da série de debates ocorridos no Espaço Unibanco de Cinema, em Botafogo, que tinha como tema principal a rememoração dos trinta anos de 1968, ano emblemático para a cultura brasileira e mundial. Além de contar com a presença de vários personagens da época como debatedores, o encontro despertou o interesse de um grande número de jovens que, segundo o escritor, estavam ali reunidos “atrás não de informações arqueológicas, mas de opiniões e respostas que ajudassem a entender o país hoje” (VENTURA, 1998, p.08).

Ao contrário do discurso oficial vigente à época, que apregoava a existência de um país sem problemas, em crescimento e pronto para assumir seu lugar entre as grandes nações do mundo, ali, naquele encontro, o escritor ouviu “jovens insatisfeitos, indignados e, o que é pior, descrentes e céticos: em relação

ao governo, à oposição, à imprensa, à justiça, à política e até à democracia” (VENTURA, 1998, p.08).

A imagem dos jovens apresentada neste texto parece contraditória, de um lado, sedentos de respostas e, de outro, extenuados pela descrença. Sem cair em contradição, o texto ajuda a desmistificar a imagem da juventude indomável e irresponsável. Essa desmistificação ocorre em dois planos. O primeiro diz respeito à geração jovem de 1968, que estava ali representada pelos senhores debatedores, símbolos da derrota – imposta pelo poder das armas, da violência política de seu tempo e de sua excessiva inocência – e da vitória da resistência contra os fatalismos do tempo presente, exposta no discurso de alguns desses participantes. O segundo plano envolve a geração contemporânea de jovens, quase sempre, rotulada por diversos setores como alienados, indiferentes, egoístas e tantos outros adjetivos, que até podem ser aplicados em alguns casos, mas que devem ser utilizados com mais critérios, para não se incorrer no equívoco das generalizações vazias.

A participação daqueles jovens no encontro sobre 1968 serviu, não como exemplo, mas como constatação de que, mesmo desencantada, uma parcela expressiva da juventude tem procurado resistir – sem mitificações – ao cinismo, à desonestidade e ao fatalismo do nosso estranho tempo.

3.1.3 Jovens e Sexualidade

O tema do namoro é um exemplo de apropriação superficial e mercadológica que a revista **MTV** efetua. Na edição de número 16, de julho de 2002, a publicação traz estampada em sua capa a chamada de uma reportagem que se propôs a acompanhar a trajetória dos casais formados a partir de um programa denominado “Fica Comigo,” da rede MTV de televisão. A referida reportagem limitou-se a enunciar que namorar era diferente de “ficar”, passando a reproduzir os depoimentos dos participantes, que davam suas versões para os desdobramentos dos encontros promovidos pelo programa. À primeira vista, parece que a matéria cumpre bem seu papel de discutir o namoro, a partir das falas dos jovens envolvidos. Todavia, ao longo das cinco páginas destinadas à

reportagem, são observados, respectivamente, um desfile de estereótipos sobre o tema e uma propaganda metalingüística de um produto de sucesso da corporação MTV, como se observa na seguinte passagem: “Fica comigo. Namora comigo é outro papo. Nas histórias de quem ficou, arrependimentos, um noivado desfeito e – enfim! – um namoro firme depois de 72 programas” (PRETO, Revista **MTV**, 2002, p.54).

Na edição número 15, de junho de 2002, a temática do sexo é anunciada como matéria principal da publicação no citado mês. Vinte páginas foram destinadas para discussão do tema. No entanto, o que se viu foi uma coletânea de citações literárias, musicais, bíblicas e psicanalíticas, sem nenhuma contextualização – ligadas apenas pelo fato de, em algum momento, enfocarem a questão – além da apresentação de um inventário de imagens de animais selvagens durante o ato copulatório, misturados a dezenas de reproduções de capas de discos, destinadas ao consumo. O verniz da pluralidade cultural ajudava a disfarçar a cera que encobria as falhas da abordagem, que parecia mais preocupada em realizar uma enquete difusa e nada reveladora, com diversos jovens, entremeando-a com a maquiagem das citações deslocadas.

Entretanto, as edições de número dois, de abril de 2001 e doze, de março de 2002, que traziam reportagens abordando, respectivamente, a questão da afirmação da condição homossexual e das relações afetivas entre garotas, vão se revelar como uma boa fonte – ainda que indireta – para visualização de uma juventude mais livre para exercer sua sexualidade. Ambas as matérias foram construídas a partir de depoimentos de jovens envolvidos com estas práticas. Contudo, diferentes das reportagens sobre sexo e namoro, as falas dos jovens, neste caso, são bastante reveladoras, ao tratarem de seus desejos, inseguranças, coragem e firmeza.

A experiência do cabeleireiro de moda, Alexandre, que, aos 16 anos, além de assumir publicamente, na escola, sua condição homossexual, conseguiu o respeito e aceitação de sua família é um exemplo da firmeza de propósito de parte das novas gerações, expressa na fala do jovem, cunhada pelo jornalista: “Método não existe. Os armários variam, quem está dentro também – igual só a vontade de ficar numa boa” (FERNANDES, Revista **MTV**, 2001, p.45). De maneira semelhante à experiência do jovem Alexandre, as meninas que desejam meninas passam por conflitos, mas conseguem superá-los a partir de uma postura franca e

corajosa, como se observa na fala da jovem, registrada pelo jornalista: “Quando transei a primeira vez com mulher, achei que era *gay*. Mas vi que continuava a me interessar por homens. Então adotei a filosofia de encontrar pessoas bacanas, sem restrição de sexo” (TAVARES, Revista **MTV**, 2002, p.33). Outro depoimento esclarecedor sobre a manifestação plural do desejo vem da jovem estudante de Letras, de 20 anos, Paula, assim registrado pelo repórter: “No sexo não sinto falta de pênis na transa com menina, e não preciso de peitos quando estou com meninos. Sinto muito prazer com os dois sexos” (TAVARES, Revista **MTV**, 2002, p.35).

3.1.4 Jovens e Mídia

Ao tratar dos usos e consumos da mídia em suas múltiplas manifestações presentes nos veículos de análise da juventude, buscou-se antes de tudo investir dialeticamente sobre o tema. O consumo, de uma maneira geral, e, em particular da mídia, pode tanto favorecer a adoção de uma postura reificadora, como pode possibilitar um olhar crítico sobre a sociedade e os indivíduos, a mesma maneira, os jovens – dependendo da forma que encarem este elemento da sociedade contemporânea – vão oscilar entre uma postura e outra.

Na crônica “Os estudantes Estão Escrevendo Melhor?”, publicada na revista *Época*, em 02/12/2000, Zuenir Ventura se ocupa da questão do desempenho sofrível que os diversos setores da sociedade vêm apresentando ao utilizarem a norma culta da Língua Portuguesa. Mesmo abrindo o texto com a informação oficial do MEC de que os estudantes do Ensino Médio estavam escrevendo melhor, o escritor não se mostra muito entusiasmado pelo fato de comparativamente a melhora ter sido muito pequena. Ao comparar a média geral do exame que serve para aferir a capacidade dos alunos, logo se percebeu que, no ano anterior a média ficou em 5,1 e que, em 2000, aumentara para 6,0, muito abaixo do esperado para uma sociedade que deseja avançar de fato.

Após constatar que as transgressões das leis gramaticais são tão freqüentes quanto os desrespeitos às leis de trânsito, o cronista ressalta a existência de um grande desapego em relação ao uso adequado da língua, quase sempre desprezada

cinicamente e, ainda, critica a posição extremada que ao negar o artificialismo imposto pelo beletismo acaba caindo no barbarismo lingüístico.

Um elemento recentíssimo da sociedade de consumo contribui para complicar o quadro apresentado, segundo o escritor. A internet como elemento da sociedade de consumo tem contribuído para se escrever melhor? Os jovens, como usuários preferenciais, estão recebendo esta novidade da sociedade de consumo de que maneira? Questões como estas estão presentes nas preocupações do escritor. No entanto, ao invés de assumir uma posição conservadora ou adesista, resolve ouvir alguém jovem: “Uma leitora de dezoito anos me escreveu a propósito dos chats, condenando a prática de sua geração, que “usa expressões do tipo “vc”, “qd”, entre outros horrores (isso quando tem algum nexos)”” (VENTURA, 2000, p.98).

O depoimento da jovem não deve ser tomado como o pensamento de sua geração, mas deve ser compreendido como uma pista que precisa ser melhor avaliada. Por isso, o escritor nos adverte que “talvez ainda seja cedo para julgar a internet, mas pelo menos um alibi deve ser rejeitado: o de que se erra muito na Rede por falta de tempo” (VENTURA, 2000, p.98).

Um grande problema da sociedade de consumo que afeta diretamente os jovens é o excesso de informação disponível através dos diversos segmentos da mídia. Enquanto em um passado recente vivia-se a ditadura política e a conseqüente censura dos meios de comunicação, obrigando uma geração inteira a passar pela privação dos direitos civis e culturais, hoje, estes mesmos direitos são, muitas das vezes, embotados, em pleno estado democrático, pelo excesso de informação fragmentada. O culto ao efêmero e ao descartável gerado pelos excessos da mídia é o tema da crônica “A Nostalgia da Certeza”, publicada no Jornal do Brasil, em 24/06/1997, em que o escritor assevera o seguinte: “A mídia eletrônica[...] mudou a nossa maneira de ver e sentir, nem sempre para melhor” (VENTURA, 1997, p.08).

Partindo da sentença emitida, o cronista desenvolve seu texto, buscando refletir sobre o consumo exagerado e pouco crítico, que, de maneira geral, se estabelece em torno da mídia eletrônica. A dificuldade em efetuar uma recepção crítica reside no excesso do fragmentário pautado na velocidade, como se evidencia na seguinte passagem: “De tanto nos bombardear com a fragmentação, o efêmero e o descartável, ela [mídia] transformou a percepção numa vertigem:

substituiu a reflexão pelo reflexo, [...] fez do interesse um estado de ansiedade”... (VENTURA, 1997, p.08).

A exacerbação do culto da velocidade na sociedade contemporânea se materializa na figura da geração *zapping* – amplamente constituída por grupos jovens – aquela que faz do controle remoto um centro de poder simbólico. Através do pequeno aparelho, o indivíduo assume o papel de “editor,” a partir da seleção, em um curto espaço de tempo, do maior número possível de imagens. À primeira vista esta situação parece ser o auge da democracia midiática, que, assim, romperia com a idéia de manipulação ou subordinação incondicional aos meios de comunicação. Esta noção de democracia pode ser questionada se levarmos em consideração que:

“o controle remoto não ancora ninguém em parte alguma: é a sintaxe irreverente e irresponsável do sonho produzido por um inconsciente pós-moderno que embaralha imagens planetárias. Os otimistas poderiam pensar que foi alcançada a apoteose da “obra aberta” [...]. Para pensar assim, é preciso cultivar uma indiferença cínica diante do problema da densidade semântica dessas imagens.”⁷

Os jovens pertencentes à geração *zapping*, apesar de se apropriarem da tecnologia com facilidade, em parte e até o momento, não têm conseguido responder de maneira satisfatória ao desafio de absorver qualitativamente as diversas programações emitidas pela mídia eletrônica, em função, como ressalta o escritor, de que “não se fala para se fazer entender, mas para manter o interesse a qualquer preço” (VENTURA, 1997, p.08). Refletir sobre a premissa apresentada pelo cronista pode ser um bom exercício, tanto para os jovens, quanto para todos que desejam entender melhor nosso tempo.

A revista **MTV**, como representante da indústria cultural, focalizou a questão da intimidade como objeto de consumo através de matéria feita pelo jornalista Luiz Costa Pereira, publicada na edição número doze, de março de 2002, sob o seguinte título: “Falar da Vida dos Outros”. A referida reportagem destacava a importância, na chamada “indústria da fofoca”, dos temas do sensacionalismo inútil – como o novo corte de cabelo, a última dieta, o casamento

⁷ SARLO, B. **Cenas da Vida Pós Moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2ª Ed., 2000, p. 59.

ou a roupa do momento das supostas estrelas da mídia – e dos dramas pessoais – como doença, morte, crime ou separações.

O lucro proporcionado pela exploração da vida alheia alcança milhões e demarca claramente suas áreas de atuação. O mercado, segundo a reportagem, está dividido entre os “fuxicos no papel”, através de revistas como Caras – “lida por 2.57 milhões de pessoas que devoram seus 320 mil exemplares semanais” (PEREIRA, Revista **MTV**, 2002, p.20) –, Contigo, Quem Acontece, Chiques & Famosos etc; “fofoqueiros on-line, com sites como O Babado ou Fuxico e vida alheia via satélite” com programas de TV do tipo A Casa é Sua, TV Fama, Melhor da Tarde ou Note e Anote. Não se podem deixar de citar as dezenas de programas de rádios, precursores deste tipo de produção para o consumo.

É interessante observar como a Indústria Cultural se apropria de seus próprios produtos para dali extrair mais lucro e fruição esvaziados de uma reflexão mais elaborada. Se levarmos em consideração que a reportagem apresentada centra sua atenção nos dados estatísticos, nos números de vendas nos lucros e nos tipos de produtos da “indústria da fofoca” e que o público alvo da revista são os jovens, logo se evidencia que o tipo de abordagem direcionada a este grupo contribui para a manutenção de uma visão limitada do consumo em suas variantes.

Mesmo reconhecendo um certo avanço da reportagem ao sinalizar que os temas recorrentes do consumo da fofoca estão comprometidos com o sensacionalismo, tudo leva a crer que apenas uma pequena parcela da juventude – a partir de informações e reflexões exteriores à revista – será capaz de perceber que a exacerbação do culto da imagem e do personalismo é a responsável pela transformação da intimidade em objeto de consumo amplamente explorado pela mídia.

É importante perceber que as estratégias de aproximação do consumo e dos usos da mídia, conscientes ou inconscientes, adotadas pelos vários grupos sociais e, em especial pelos jovens, necessitam resistir à idéia de que o consumo – seja ele qual for – garante felicidade. Esta noção é construída pelo mercado que “cria imagens que prometem a felicidade e nos induz a acreditar que acabaremos conquistando-a se tivermos acesso aos bens que ele coloca à nossa disposição” (SOUZA, 2003, p.88).

3.2 Juventude e Violência

O presente tópico tem como objetivo analisar a questão da juventude e violência, a partir da perspectiva da Literatura e da Indústria Cultural. Nesse sentido, buscar-se-á compreender a juventude ora como vítima, ora como protagonista, ora como crítica da violência, buscando encontrar caminhos para a diminuição desse problema avassalador.

Vários e importantes estudiosos dos mais diversos campos do conhecimento (ARENDR, 1994), (HOBSBAWM, 1994), (Zaluar, 1992) e (COSTA, 1994) despenderam seus esforços no sentido de compreender e construir conceitos que pudessem dar conta do fenômeno da violência, oferecendo, assim, um entendimento mais amplo sobre a questão. Como o objetivo aqui não é o de questionar a noção de violência – e, tendo em vista que este conceito, assim como tantos outros, é fruto de uma construção sócio-histórica e cultural – por afinidade conceitual, passamos a considerar, de maneira geral, que “violência é o emprego desejado de agressividade com fins destrutivos. [...] A violência ocorre quando há o desejo de destruição” (COSTA, 1994) podendo, sua ação, localizar-se no plano físico, psicológico ou ético.

Em estudo feito sobre escola e violência, Caputo (1999) destaca o seminário elaborado pelo Jornal do Brasil em outubro de 1995, que contou com a participação de diversos intelectuais, representantes do judiciário e lideranças comunitárias, discutindo o seguinte tema: “Rio – Raízes Sociais da Violência”. O encontro resultou na formulação de um documento contendo dezessete causas para a questão da violência no Rio de Janeiro, mas, que, seguramente, poderiam se aplicar a qualquer grande cidade do país ou do mundo.

Entre as causas arroladas no seminário várias, nos chamam atenção em virtude de também surgirem, de maneira recorrente, na fala dos grupos de jovens cariocas de classe média e das camadas de baixa renda, participantes de uma pesquisa que teve como objetivo destacar os sentidos que estes grupos atribuem à juventude, à violência e à cidadania. O referido trabalho foi desenvolvido por um grupo multidisciplinar sob a coordenação técnica da UNESCO, em parceria com o Centro Latino-Americano de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Fundação Ford.

Entre os temas que surgiram, em ambos os trabalhos, como motivadores da violência, destacamos os seguintes: corrupção das autoridades em seus diversos níveis, banalização da violência, isolamento dos sujeitos – inclusive no núcleo familiar –, incapacidade do Estado de suprir as necessidades básicas da população, violação dos direitos humanos efetuada pelas forças policiais e manifestada na valorização da confissão em detrimento da investigação, estetização da violência, lentidão na justiça, crime organizado – com ênfase no tráfico de drogas – e certeza da impunidade.

A história da cultura ocidental, na primeira metade do século passado, nos fornece, pelo menos um exemplo contundente de violência simbólica impingida sobre os jovens, que mais tarde iria se desdobrar em violência física. Trata-se da apropriação e manipulação da abrangente noção de juventude – que poderia abarcar desde a virilidade até o destemor – efetuada pelos ideólogos do fascismo na construção do arquétipo daquele regime totalitário. Nesse sentido, juventude poderia ser considerada sinônimo do próprio fascismo, conforme relata a pesquisadora, no fragmento a seguir:

“Será, evidentemente, a imagem do efebo atlético e vigoroso, harmoniosamente dotado, todo beleza e juventude, a quem tocará simbolizar o *homo novus* do fascismo ou, mais precisamente, o próprio fascismo.”⁸

Em outros momentos, os jovens assumem a condição de atores principais das diversas ações violentas, expressas através de episódios, como, por exemplo, roubos, estupros, assassinatos, arruaças, vandalismos, intimidação física e psicológica, discriminações socioeconômicas e culturais, além de tantas outras mais, não elencadas aqui. Não é raro encontrar em destaque, nos noticiários da imprensa, a presença de tais acontecimentos que dilatam os números das estatísticas e potencializam a já enorme sensação de insegurança e medo de todos os setores da população.

Vale lembrar, também, que, ao contrário do que se acreditou e propagou durante muito tempo, a violência, mais especificamente a juvenil, não é um fator circunscrito exclusivamente ao universo daqueles que vivem na miséria absoluta,

⁸ MALVANO, L. “O Mito da Juventude Transmitido pela Imagem: O Fascismo Italiano” In. LEVI G.; SCHMITT, J.C. (Org.). **História dos Jovens: A Época Contemporânea**. Vol. 2, São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 261.

ou até mesmo abaixo da chamada linha da pobreza. Este é um fenômeno que cada vez mais atinge a sociedade em todas as suas faixas, sem distinguir classe social, orientação política e ideológica ou credo religioso. Torna-se fundamental destacar, ainda, que os fatos aqui apresentados não são imanentes, naturais ou irreversíveis. Na realidade, estamos diante de mais um elemento oriundo e forjado nas diversificadas malhas do tecido social e histórico de um país.

A juventude vitimizada pela violência, assim como os mais variados setores das sociedades, têm reclamado ações e práticas que possam contribuir para a diminuição – ou mesmo a erradicação – deste mal que assola a humanidade em todas as partes do planeta, desde sempre, como nos ensina a história das civilizações.

Ao lançar o olhar para o referido problema numa perspectiva local, pode-se refletir e aprender muito sobre seus efeitos universais. Daí, ao focar as críticas e as sugestões dos jovens cariocas participantes da pesquisa sobre os sentidos da violência, juventude e cidadania (MINAYO, 1999), pode-se aferir que estes encaram como fundamental a adoção de medidas – que oscilam entre o equilíbrio e a sedução totalitária – na busca da redução dos índices de violência no Rio de Janeiro. Entre as principais ações propostas pelos jovens, destacam-se as seguintes: mudanças estruturais, ações político-governamentais, medidas socioeducativas, legais e repressivas, maior participação civil na construção de uma cultura de paz, mudanças individuais e a preocupante idéia do controle demográfico para fins de se evitar a superpopulação e a criação de novos bolsões de miséria – esta idéia preocupa fundamentalmente em função da nítida alusão, ainda que inconsciente, ao germe segregador do totalitarismo.

E como se revela o jovem observado pela lente da Literatura e da Indústria Cultural, no que tange à questão da violência em suas múltiplas faces? A partir de agora, o objeto da pesquisa será focalizado dentro do recorte proposto, a fim de que daí possam emergir as representações desse outro, que é o jovem, com suas peculiaridades e distinções.

Ao colocar em relevo a questão do número cada vez maior de jovens de todos os extratos sociais, que se transformam em vítimas da violência no país, a Literatura, de maneira muito particular, fornece sua contribuição na elaboração do painel das imagens da juventude contemporânea.

Ao abordar a questão, a Literatura, através das crônicas, traz à superfície aspectos pouco focados pelos vários observadores, quer sejam acadêmicos ou midiáticos. Enquanto os primeiros – representados pelos pesquisadores das ciências humanas e sociais – tentam superar as dificuldades em considerar os jovens sujeitos do processo educacional (ABRAMO, 1997), os outros – representados, por exemplo, pelos noticiários –, quase sempre, se ocupam do tema dando maior destaque para o espetacular dentro do que seria uma notícia de interesse público. A consequência da ênfase no espetacular é a aceitação, por parte do senso comum, de que os jovens vitimizados pela violência, de maneira geral o são pelo fato de estarem envolvidos com atividades ilícitas, o que nem sempre corresponde à realidade.

Parece contraditório, mas, na realidade, é dialético o fato de que a crônica, como representante da Literatura, nasce no jornal, veículo de comunicação de massa, em tese, comprometido com princípios uniformizadores. O exercício dialético fica evidente quando, por exemplo, em crônica pública no jornal O Globo de 01/11/2001, Zuenir Ventura, tendo como tema principal a crise institucional pela qual passava a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), provocada pela permanência de um reitor indicado pelo MEC, rejeitado pelos vários segmentos da comunidade acadêmica, e, que, na tentativa equivocada de estabelecer sua autoridade, insistia em manter os exames do vestibular da instituição, após a promulgação do seu cancelamento, decidido pelo Conselho de Ensino e Graduação da universidade, o que gerou uma batalha campal envolvendo forças policiais, fiscais, candidatos e funcionários.

Na crônica em questão, além de apresentar um ato de violência explícita contra os jovens, assim relatado: “Achar que a melhor maneira de afirmar a autoridade é pela força, no caso pelo recurso à violência policial, é tripudiar [...] sobre a angústia dos pais e a tensão dos candidatos” (VENTURA, 2001, p.08), o escritor registra a imagem de um tipo de juventude quase sempre esquecida nos noticiários – salvo quando se ocupam, em suas pautas, em destacar os candidatos retardatários, aflitos ou displicentes.

O jovem que de suas linhas emerge, sutilmente, é aquele que busca na Educação uma possibilidade de construção – primeiro pessoal, e, às vezes, coletiva – de novos horizontes, para a vida.

Outra imagem contundente da juventude nos é oferecida na crônica intitulada “Entendendo o Choro de Caetano”, publicada na revista eletrônica – veiculada pela internet – denominada No Mínimo, em 12/08/2002. Ali, o cronista abordava um exemplo típico de violência contra os jovens. Durante uma incursão policial em Vigário Geral, comunidade carente do Rio, o jovem percussionista Paulo Nogueira, morador da localidade e músico das bandas Afroreggae – apadrinhada artisticamente por Caetano Veloso e Regina Casé – e O Rappa fora baleado pela PM, ao tentar se identificar como trabalhador.

O episódio é sintomático e demonstra que os membros destas comunidades estão praticamente entregues à própria sorte, em virtude da quase completa ausência de políticas públicas que valorizem o fomento da cidadania e a inclusão social, em detrimento de ações bélicas. Marcelo Yuka, outro membro da banda O Rappa, e também vítima da violência – ficou paraplégico ao ser alvejado por três tiros de bandidos que tentavam roubar o carro de uma mulher – é quem, segundo o cronista, melhor sintetizou a situação de violência, nestes lugares: “Yuka resumiu o drama dos jovens favelados, condenados a viver entre a crueldade dos bandidos e o despreparo violento dos policiais: “o que me tira o sono é saber que é preciso tomar um tiro para você provar que é um cidadão”.” (VENTURA, 2002).

Este episódio de violência relatado na crônica nos possibilita enxergar uma outra representação da juventude que, ao mesmo tempo que é alvo de atos tão brutais, também consegue dar exemplo de abnegação e fé na vida, descritas no texto, através da relevância social daqueles jovens, expressas em suas atividades profissionais, como relata o escritor: “Vejam que ironia: os dois lutam pela paz, puseram sua arte a serviço da inclusão social e, com seu trabalho, impedem que jovens caiam no mundo do crime” (VENTURA, 2002).

Ao lado de páginas e mais páginas publicitárias produzidas com letras garrafais, fotos coloridas e ilustrações fortes para serem consumidas velozmente, convivem, pacificamente, blocos que vão da cobertura dos bastidores dos artistas pop em evidência no momento – devidamente chancelados pela rede MTV de televisão –, passando por uma seção denominada “Guia” – que, como o próprio nome sugere, serve para indicar o que consumir em termos de “balada”, clips, cds e todo tipo de miudezas – até chegar ao bloco que apresenta temas de apelo jovem, quase sempre envoltos em alguma polêmica, visando a informar e orientar

comportamentos. Esta é a revista **MTV**, representante da Indústria Cultural, que, em conjunto com as crônicas, irão auxiliar na construção do painel do jovem contemporâneo.

No que concerne à temática do jovem como vítima da violência, a edição de número 16 da revista **MTV** aborda a questão em uma ampla matéria que pretende ser uma “espécie de guia de sobrevivência que, se não livrar você dela, [violência], pode ao menos indicar-lhe como proceder diante dela” (CURY, **Revista MTV**, 2002, p. 95).

Assumindo claramente a intenção de funcionar como uma espécie de manual de sobrevivência diante da violência, a revista, apoiada em um amplo inventário de dados estatísticos sobre o tema – com destaque para os assombrosos índices de mortes violentas sofridas pelos jovens no ano de 2000, 19.227 conforme dados da UNESCO –, parte para a apresentação de um conjunto de procedimentos básicos a serem adotados a fim de que os jovens tentem evitar engrossar o número de novas vítimas.

Partindo de depoimentos como de um jovem comerciário, carioca, de 23 anos, que testemunhou o assassinato de um amigo durante um assalto, na Avenida Maracanã, ou de registros policiais como o acontecido em São José dos Pinhais, no Paraná, quando um casal de namorados em frente à casa da moça é abordado por três sujeitos que atiram e matam sem piedade um jovem bancário de 21 anos, apenas porque este levantou as mãos, a revista tenta didaticamente construir um roteiro de comportamento a ser adotado em situações como a relatada.

A construção de um manual de sobrevivência em situações violentas pode ser interpretada como uma estratégia da revista, que, como representante da Indústria Cultural, tende a adotar a cristalização do discurso, simplificando e reduzindo a questão a um fato consumado. Ao naturalizar o problema, a publicação cumpre sua função precípua de promover a manutenção do lucro através do entretenimento, e, ainda, oferecer ao leitor/consumidor uma sensação breve de alívio, através da edição de uma espécie de cartilha para evitar a violência. Contudo, para a presente investigação, mais importante do que analisar ou reproduzir o referido roteiro de sobrevivência é observar que, tanto nas entrelinhas do discurso do rapaz entrevistado que testemunhou o brutal assassinato, como na visão do jovem jornalista que apurou e fez a matéria, emergem a imagem de uma juventude acuada pelo medo que paralisa e

desmobiliza a todos, como se vê a seguir: “Muitas das vezes, mesmo, sem reagir, podemos levar um tiro. As coisas estão loucas, e o cara que te assalta pode estar mais louco ainda. De qualquer modo, quanto mais na sua você ficar, mais chance terá de escapar ileso” (CURY, Revista **MTV**, 2002, p. 96).

Constatar o crescente número de jovens vítimas da violência sem dúvida alguma estarrece. No entanto, verificar o outro extremo desta situação – os jovens como protagonistas da violência – não só aumenta nossa perplexidade como nos remete a um sentimento de fragilidade e derrota retumbante, pelo fato de, até aqui, a sociedade organizada nos seus diversos setores e poderes não conseguir encontrar uma solução para esta questão, o que contribui para que todos nos transformemos, de uma maneira ou de outra, se não em exterminadores, em co-exterminadores do presente e do futuro.

Pier Paolo Pasolini, poeta, romancista e cineasta italiano, em um instigante artigo denominado “Os Jovens Infelizes”, publicado em meados dos anos setenta, na Itália, parece estar fazendo menção a um dos mais graves problemas da juventude brasileira contemporânea, urbana, de classe média alta, frequentadora de bons colégios, bem alimentados e, freqüentemente desorientados na vida. Veja o que diz o cineasta:

“Não existe um grupo de jovens pelas ruas que não possa ser um grupo de criminosos. Não têm nenhuma luz nos olhos: seus traços são traços imitados de autômatos, sem que nada de pessoal os caracterize de dentro. A estereotipia torna-os pífidos. Seu silêncio pode parecer um trépido pedido de ajuda (que ajuda?) ou uma fachada. Não possuem mais o domínio de seus atos, diria mesmo de seus músculos. Não sabem bem qual é a distância entre causa e efeito. Regrediram – sob a aparência de uma maior educação escolar e de melhores condições de vida – a uma rudeza primitiva.”⁹

Esta citação poderia ser atribuída a qualquer noticiário dos jornais deste março de 2004, que junto com o final do verão viu reaparecer, para vergonha da sociedade civilizada, a figura dos “*pit-boys*”, verdadeiras gangues de jovens brigões e arruaceiros oriundos das classes abastadas.

Dos cadernos policiais para o teclado do cronista, a questão da juventude como protagonista da violência tem sido tema constante da obra de Zuenir

⁹PASOLINI, P. P.. “Os Jovens Infelizes” In. LAHUD, M. (Org.) **Os Jovens Infelizes: Antologia de Ensaio Corários**, São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1990, p. 30 – 31.

Ventura, que, entre a perplexidade e a tristeza, vem abordando o assunto de maneira firme e equilibrada.

Em texto publicado no jornal O Globo, em 30/01/1995, o escritor utiliza a seguinte pergunta como título: “O Que fazer com a Geração *Pit-Boy*?”. A partir desta interrogação o autor passa a esmiuçar as características destes grupos de jovens violentos, utilizando como exemplo as gangues formadas por jovens da Barra da Tijuca, que, do ponto de vista socioeconômico, não teriam nenhuma razão aparente para assim procederem. No entanto, agem com extrema violência, assim como seus pares da Zona Sul, que provocam quebra-quebra, atos de arruaças e sessões de espancamentos públicos, em espaços como boates e bares de Ipanema e Leblon, constituindo-se assim, na *pit-geração*, ou na juventude sem causa e sem sentido. O grande desafio das autoridades, pais, educadores e demais setores da sociedade, acuados pelas demonstrações cada vez mais expressivas do desprezo destes grupos pela vida – expresso em seus atos – é encontrar respostas, – que possam dar conta do entendimento das motivações de atos tão desumanos – além de mecanismos que possam contribuir para a contenção (de preferência a eliminação) de atos tão bárbaros.

Infelizmente, a imagem que esse tipo de juventude evoca é preocupante, pois, se opõe à idéia de solidariedade e fé, virtudes, que, quase sempre, estão associadas aos jovens. Carentes de espírito de solidariedade e de crença, sobram a essa geração, intolerância e desprezo, como assevera o escritor:

“Brigam à toa, por nada, e batem uns nos outros usando de uma crueldade sádica, como se esse fosse o único prazer que desfrutam na vida. Mais do que brigar na verdade, eles preferem espancar, se possível até a morte, pessoas indefesas, colegas mais fracos. A covardia, não a valentia, é a marca das ações dessa juventude”.¹⁰

Na mesma crônica, o autor chama a atenção para o fato de que, ao contrário da chamada Juventude Transviada dos anos 50 – representada pela Indústria Cultural através do cinema, a partir da figura de James Dean – os *pit-boys* nem rebeldes sem causa são, estão mais é para criminosos comuns pelo fato de não os mover “nenhuma inquietação existencial, [...] apenas a pulsão da violência desmotivada, com ou sem drogas. Filhos superprotegidos, ricos

¹⁰ VENTURA, Z. “Que Fazer com a Pit – Geração?” In. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jan. 1995, Segundo Caderno, p. 8.

delinquentes, não sabem o que fazer de suas vidas impunes e vazias” (VENTURA, 1995, p.8).

Em duas outras crônicas, a truculência juvenil é revelada. A primeira, publicada no jornal O Globo de 02/05/2001, sob o título de “Ouvidos Indiscretos”, tendo como eixo narrativo o simples fato de caminhar no calçadão de Ipanema observando e tentando captar os diálogos dos transeuntes, que tanto podem oferecer razões para rir como para se lamentar e interrogar sobre o que foi feito da cordialidade, respeito e civilidade. Como se observa a seguir: “[...] e outros relatos estarrecedores, como o de um enorme *pit-boy* para outro: “bati até o cara se esparramar no chão feito uma pasta; aí chutei a cara dele” (VENTURA, 2001, p. 08).

A segunda, também publicada no mesmo veículo de comunicação, um pouco mais de dois meses depois da primeira, em 25/07/2001, que tratava do fatalismo e da descrença que têm acometido a sociedade brasileira, fazendo com que o cidadão comum perdesse as esperanças na possibilidade da construção de um país mais justo, honesto, onde as leis não fiquem restritas aos compêndios de Direito, inócuas ou a serviço de uma minoria. O resumo da descrença e da falta de limites poderia ser expresso na afirmação de um jovem, que ao ouvir uma conversa entre freqüentadores da praia de Ipanema, que versava sobre as então novas medidas disciplinares que a Prefeitura estabelecia para a orla da cidade, desafiava: “ Quero ver que guardinha vai ter coragem de vir botar coleira no meu cachorro”. Vendo a disposição dos dois, não tive dúvidas de que seria uma tarefa arriscada” (VENTURA, 2001, p. 08).

Infelizmente, a violência juvenil não é apenas autofágica, o que por si só já seria algo muito grave, não restringindo seu alcance às ações de espancamento de outros jovens. As crônicas, “Quando Até o Esperado Pareceu uma Surpresa” – publicada na revista Época de 13/11/2001 – e, “Ninguém Está a Salvo” – O Globo de 02/02/2000 – apresentam as variações sobre o tema.

Na primeira, ao abordar o episódio do julgamento dos jovens de Brasília que incendiaram, levando à morte o índio Galdino, o escritor destaca que a punição revela uma prova efetiva que a justiça, e não a vingança, acabou sendo feita. Para o cronista, assim como não havia razão para alegria com o fato de jovens perderem anos valiosos de suas vidas na prisão, também não existiam motivos para protestos, pelo fato de ser

“difícil acreditar que cinco jovens de classe média com razoável grau de discernimento seriam capazes de comprar dois litros de álcool, encharcar o corpo de alguém, acender um fósforo, jogar em cima, e tudo isso com a intenção de dar apenas um susto e se divertir, não matar.”¹¹

A segunda crônica trata da questão da ousadia cada vez maior dos ladrões de edifícios, que, com suas ações cada vez mais destemidas, sinalizam claramente para a sociedade que ninguém mais está a salvo. Outro ponto focado reside no fato de que estas quadrilhas estão cada vez mais sendo compostas e chefiadas por jovens de classe média, que, ao serem presos, lançam mão do seu poder aquisitivo na contratação de advogados que consigam evitar uma possível condenação, algumas vezes obtendo sucesso. Desta maneira, a lógica que impera é a seguinte: “livres, com a folha limpa, certos da impunidade, os jovens de classe média voltaram à promissora atividade” (VENTURA, 2000, p. 08).

Em ambos os textos, a diversificação das modalidades de violência cometidas pelos jovens de classe média evoca uma dura imagem dessa parcela da juventude. Como uma espécie de impressão digital que os identifica, a banalização da violência exercida por esses grupos revela, ao mesmo tempo, o alto grau de crueldade presente em suas vidas, bem como explicita a presença de valores humanos esfacelados ou perdidos em muitos núcleos familiares.

O quadro apresentado é, sem dúvida, relevante. Contudo, uma questão bastante pertinente pode ser apresentada: Por que, até aqui, as imagens oferecidas dos jovens como atores da violência estão restritas àqueles provenientes das camadas médias e altas? Uma resposta plausível gira em torno da necessidade de se levar em consideração que, mesmo sendo objeto de outros estudos, o fenômeno da violência juvenil entre as camadas mais pobres tem sido naturalizado pelos vários sujeitos ou grupos que têm se ocupado em enfocá-la, como se ser violento fosse uma prerrogativa inerente aos menos favorecidos. Sobretudo na fração da Indústria Cultural dirigida às classes média e alta, este assunto vem sofrendo um apagamento constante, fruto, de um lado, dos baixos índices de vendagens do tema, e, de outro, da sensação de impotência e medo que vem tomando conta dos pais e responsáveis pelos jovens das camadas privilegiadas, que têm se envolvido,

¹¹ VENTURA, Z. “Quando Até o Esperado Pareceu uma Surpresa”. In. **Época**. São Paulo, 13 nov. 2001. p. 98.

cada vez mais, com a violência e a criminalidade – o que deveria contribuir para a desmistificação do problema, fato que ainda não ocorreu.

A digressão feita sobre o foco das análises tem a função de acenar, também, para o fato de que, na revista **MTV**, após levantamento que compreendeu do exemplar número um – publicado em março de 2001 – até a edição de número trinta e dois – de dezembro de 2003 –, não foi verificada a presença de nenhuma reportagem ou artigo que enfocassem nem o jovem de classe média alta, nem o das classes menos favorecidas como protagonistas da violência, o que pode gerar especulações e teses como as que seguem.

Questões como Educação e violência, drogas, pânico e vida nos presídios são destaque em algumas edições. Há, no entanto, um silêncio incômodo envolvendo a pauta do jovem como agente da violência que pode ser explicado, como uma opção editorial de não abordar tal temática em uma revista de entretenimento juvenil, o que, em si, já seria uma contradição. Ou, ainda, este apagamento seria uma forma de evitar tratar de um assunto que diz respeito especificamente às práticas de setores do seu público alvo, o que poderia gerar alguma interferência determinante na diminuição das vendas da publicação.

Para encerrar as discussões deste tópico, é preciso ter em vista que a juventude revelada pela Literatura e pela Indústria Cultural não é apenas vítima ou agente da violência. Uma imagem importante dos jovens advinda dos veículos de análise é aquela que os retrata como firmes críticos da violência, em busca insistente de soluções e respostas para o problema, como se observa a seguir.

Com o propósito de abordar o ato de violência cometido contra a Professora Maria de Fátima do CEFET/RJ, que perdera uma das mãos, vitimada por um atentado com explosivos – possivelmente cometido por um estudante, como se suspeitava à época –, Zuenir Ventura, em texto publicado no *Jornal do Brasil*, em 11/10/1998, sob o título de “O que a Professora Ensinou”, ao mesmo tempo em que ergue sua voz de protesto contra tamanha barbárie, acaba por colocar em relevo a representação de uma juventude inquieta, questionadora, cansada de violência e ansiosa por saber como contribuir para reversão deste quadro. Estas imagens se opunham francamente a um ato tão vil, que comprometia a reputação de todo um grupo social, devido à sua desumanidade.

A rememorar uma visita que fez à instituição de ensino para participar de um debate sobre a violência, o cronista destaca que

“[...] garotos e garotas de 16/17 anos, quase todos da Zona Norte e dos subúrbios [...] me surpreenderam pelo alto nível das perguntas e pelo interesse que manifestaram por soluções. Queriam saber o que deveria ser feito para se alcançar a paz social, qual poderia ser o papel dos jovens no esforço para diminuir a criminalidade, como lutar contra a violência sem violência...”¹²

Essa parcela da juventude vale a pena, não apenas pelo fato de desafinar o coro dos contentes e desiludidos, mas sobretudo porque resiste ao imobilismo e à lógica cínica.

Em crônica intitulada “Por que os Jovens não Gostam de Política?”, publicada na revista *Época*, em 06/12/1999, o escritor destaca um concurso feito pelo veículo de comunicação que selecionaria 67 trabalhos, que iriam compor um número especial, uma espécie de suplemento jovem que abarcaria de textos a charges, passando por fotos que tentavam pensar o país em seus diversos setores. O resultado foi a apresentação de cerca de dois mil trabalhos de rapazes e moças de todo o país, que poderiam ser desdobrados em outros números, em função da excelência da produção. Entretanto, segundo o cronista, os jovens jornalistas tratavam de vários temas de interesse amplo, relegando à política um espaço mínimo, fato que deveria provocar uma reflexão por parte desta classe, que cada vez mais fica desacreditada nos diversos setores da sociedade.

Um bom exemplo da relevância dos trabalhos foi o texto de um rapaz de dezesseis anos, que, ao tratar da questão da televisão como possível motivadora da violência, apresentou uma tese bastante madura. O jovem sustentava que até mesmo a Bíblia já tinha sido usada como justificativa para crimes cometidos, o que não induzia ninguém a culpabilizar as Sagradas Escrituras pelas ações violentas. Logo, a saída para a violência não consistia simplesmente em encontrar culpados, pois, como destacou o cronista: “Sensato ele [o jovem] afirma: “A liberdade intelectual não pode ser censurada” (VENTURA, 1999, p. 97).

A crítica da violência surge na revista **MTV** através da voz de um jovem músico, Chorão, membro da banda Charlie Brown Jr, que, na edição de número 16, de junho de 2002, após conceder uma entrevista ao repórter Ricardo Cruz sobre a questão, escreveu um texto expressando seus sentimentos e percepções

¹² VENTURA, Z. “O Que a Professora Ensinou”. In. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 out. 1998, p. 08.

sobre o problema. No texto, o músico – assim como muitos rapazes e moças de sua geração – busca encontrar soluções através de questionamentos, que por si só, são uma espécie de resposta, como se verifica a seguir: “Qual será a solução se já não se sabe mais qual é o problema? Os exterminadores do futuro somos quase todos nós” (CHORÃO, 2002, p. 39).

Em tom reflexivo, o artista destaca o fato de termos nos transformado em vítimas de nossa própria existência, na medida em que, mesmo conseguindo estudar, nada garante a conquista de um presente e de um futuro melhores, pois o crescimento desordenado do país, em particular dos grandes centros urbanos, contribui para uma distribuição de renda sofrível, gerando desdobramentos no âmbito social, econômico e cultural.

Como uma espécie de porta voz de parte significativa de sua geração, o rapaz provoca acidamente a todos quantos puderem entender seu apelo, a fim de que, assim, se possa despertar para a necessidade da busca de soluções para a violência, nas suas mais diversas manifestações. O seguinte trecho evidencia a idéia exposta:

“A violência é um problema que se abate sobre todos nós, um problema da sociedade, mas existe a impressão geral de que tudo que não é problema “seu” é muito chato. Cada um cuida do seu patrimônio como pode. Dispor-se a favor de uma situação ou de uma causa é perda de tempo e o que a sociedade quer mesmo em relação aos problemas sócio políticos causados pela violência e por nós mesmos é distância. Sofremos hoje as conseqüências do ontem e amanhã sofreremos por hoje.”¹³

Até aqui, os jovens foram representados em três grandes categorias, assim organizadas: vítimas, sujeitos e críticos da violência. Destas três categorias emergiram outros grupos de imagens relevantes, que, em conjunto, contribuem decisivamente para a montagem do mosaico da juventude contemporânea.

¹³ CHORÃO. “Exterminadores do Futuro” In. **MTV**. São Paulo, julho 2002, p. 39.